

A ILUSÃO DO MULTITASKING

Estratégia nacional para formação de professores



Alexandre Ventura
Doutor em Educação
pela Universidade de
Aveiro/Portugal

Na última edição da *Linha Direta*, tecemos considerações sobre a escola atuante e sinérgica como epicentro da dinâmica. Em uma escala global, tem-se agudizado a tendência para, no domínio político, midiático e de muitos dos fazedores de opinião, sentenciar que os professores são inadequados ou não têm o nível de competência que seria exigível para desempenhar cabalmente seus papéis na escola. Ouve-se e lê-se muitas vezes a frase “Precisamos de melhores professores”, parafraseada de múltiplas maneiras e oriunda dos mais variados quadrantes políticos. Depois de tanto tempo a ouvir isso, fica a sensação de que esse discurso consubstancia uma espécie de mantra negativo, eivado de senso comum e inconsequência.

A pesquisa vem reiteradamente demonstrando que, do conjunto de variáveis existentes na escola, a qualidade dos professores é aquela que mais influencia o sucesso dos alunos. No entanto, são poucos os países que elegem a formação inicial e continuada de professores como prioridade nacional e que definem uma estratégia sustentada, de Estado, e não de governo, suprapartidária, alicerçada na pesquisa e consensualizada por meio do envolvimento alargado de diferentes parceiros sociais que possa contribuir de forma substantiva para melhorar a qualidade da prestação do serviço educativo pelos profissionais de educação.

De todas as mudanças substantivas que é necessário fazer, identificarei uma das que se me afiguram essenciais. Trata-se da necessidade de reforçar profundamente a dimensão de prática profissional nos cursos de formação docente desde o princípio dessa formação. Somente colocando os futuros professores em contato direto com instituições de ensino e com profissionais de educação é que será possível que eles desenvolvam a competência para mobilizar o conhecimento científico e profissional a serviço das aprendizagens dos alunos e, paulatinamente, se beneficiem da partilha da experiência de quem já está no terreno. A prática tem mesmo de ser o epicentro da formação de professores.

Em conclusão, esse é o caminho que necessitamos percorrer se quisermos melhorar a situação. Não se vislumbram outras instituições, para além da escola, nem outros profissionais, para além dos professores, que possam melhor fazer evoluir a nossa sociedade para um outro nível de desenvolvimento, mais humano, mais focado, mais atento aos detalhes e grato pelo retorno sensitivo e intelectual do olhar profundo e contemplativo. A consciência disso deverá fazer-nos investir seriamente e com sentido estratégico em uma política consequente e duradoura de formação de professores que possam ser maestros da mudança e que permitam que as gerações vindouras sejam mais felizes por fruírem melhor a diversidade e a beleza da vida. ■